

## CONCEPÇÕES DE SUJEITOS ADULTOS GAGOS: UM PROJETO DE ESTUDO VISANDO A CONSTRUÇÃO DE UM SABER PEDAGÓGICO EM TORNO DO TEMA GAGUEIRA

**Viviane Souza Galvão**

vsgalvao@flash.tv.br

**Ana Paula Gomes de Carvalho**

Departamento de Fonoaudiologia. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - Unesp, Campus de Marília, SP

### 1. Apresentação

De acordo com a Asha (1999), a gagueira é um problema de natureza biopsicossocial e não apenas biológico. Contudo, tem sido concebida como sendo de natureza biológica e tratada com exercícios de fala e não com ações educativas voltadas para a conscientização do sujeito gago quanto a sua participação pessoal na configuração do problema, bem como a participação dos demais com quem convive ( mães, professores e comunidade em geral).

A desconsideração da dimensão social na configuração do problema pode agravar a gagueira, dificultar as relações inter-pessoais, a comunicação, a aprendizagem e a integração social do individuo que gagueja, e ampliar o problema.

Apontam neste sentido o fato da gagueira não aparecer quando a criança começa a falar e sim quando começam as primeiras exigências de linguagem (Dinville,1993) e o do desempenho escolar do sujeito gago ser levemente abaixo da média (Schiefer et al, 1992; Guitar,1998).

Bloodstein (1981), ao estudar o período de aparecimento dos primeiros sintomas da gagueira, verificou ocorrer entre 2 e 4 anos de idade, quando a criança está aprendendo a se comunicar, o que faz com que muitas vezes os pais acreditem que a gagueira seja um distúrbio de fala que faz parte do desenvolvimento normal da criança não procurando por isso orientação adequada ao melhor enfrentamento do problema.

De acordo com estes pesquisadores o contexto educativo ajuda a ampliar o problema pois o sujeito que gagueja pode não querer falar com o professor para não correr o risco de gaguejar e ser discriminado.

A influência do contexto educativo, da educação científica formal e informal, na capacitação das pessoas ao melhor enfrentamento de problemas como os da gagueira, entre tantos outros, tem sido estudada por pesquisadores tais como Afonso e Neves (1998) e Câmara e Moraes (1998), entre outros.

Afonso e Neves (1998) num estudo realizado numa vertente sociológica a partir de pressupostos teóricos cognitivistas, mostraram que os discursos e as práticas familiares tendem a influenciar os valores, o conhecimento e os modos de agir das crianças. Apontaram relações entre concepções de crianças com as de suas mães e grupo social (classe social e gênero). Analisaram concepções de crianças e as compararam com concepções valorizadas pelas mães de classes sociais diferentes e verificaram que as crianças apresentaram, em termos gerais, uma distribuição de respostas pelas diversas categorias de concepção próxima a da distribuição de respostas das mães. Entretanto, que essa proximidade mostrou-se maior entre crianças e mães de classe social mais baixa (p.115). Concluíram que, de um modo geral, os resultados que obtiveram apóiam a hipótese da influência de variáveis do contexto de socialização primária (que ocorre na família) na construção de concepções que as crianças revelam sobre determinados fenômenos, indo de encontro com resultados obtidos noutras investigações' (p.116).

Câmara e Morais (1998), num estudo assentado em pressupostos sociológicos da teoria do discurso pedagógico de Bernstein, sobre a influência de práticas pedagógicas na aprendizagem e integração social de crianças das séries iniciais, apontaram características do contexto que facilitam a aprendizagem escolar, entre elas, características que permitem o fluxo livre de informações na sala de aula, a comunicação inter-pessoal, e ainda, tipos de características que não revelam classes distintas nem posicionamentos diferenciados entre as crianças. Apontaram características relacionadas com um grau de exigência conceitual mais elevado e com conhecimentos sistematizados a partir de princípios científicos como sendo as mais adequadas à aprendizagem escolar; o grau maior de exigência conceitual uma característica pedagógica com maior potencialidade para fomentar as aprendizagens também nas crianças de classes trabalhadoras, para corrigir os efeitos discriminatórios das condições sócio-culturais no acesso ao sistema escolar (p.192).

Preocupados com essa questão, a da dimensão social/educacional da gagueira, Chiquetto (1992), Barbosa e Chiari (1998) e Villani et al. (2001) investigaram o modo de conceber a gagueira de professores que atuam na educação básica, fundamental. Mostraram que estes profissionais são ‘mal educados’ a respeito dessa questão, apresentam concepções e atitudes pouco pedagógicas em relação a crianças que gaguejam.

De acordo com Villani et al. (2001), 41% de uma amostra dos professores investigados não souberam dizer que atitudes teriam com crianças gagas, sendo que 28% deles defenderam atitudes de interferência pouco pedagógicas, voltadas para a interrupção do diálogo (‘pedir para a criança [gaga] respirar, pensar e ler devagar’); 53% dos professores afirmaram que não saberiam que atitudes teriam em relação a crianças gagas em situação de escrita e 16% deles defenderam atitudes inadequadas de interferência na escrita (‘mostrar as sílabas repetidas’).

Esses resultados apontam a importância da educação científica no campo da Fonoaudiologia Educacional se desenvolver numa vertente teórico-metodológica diferente da tradicional, mais *transdisciplinar*, conforme preconizam os documentos oficiais (PCNs) e conforme mostram os resultados dos estudos de Sebastião (2001).

Essa pesquisadora verificou que após envolver professores, mães e crianças com otite em atividades educativas no ambiente escolar, suas concepções alternativas sobre a otite média se mostraram mais adequadas. Aqueles que haviam concebido o problema como sendo de natureza biológica (infecção do sistema auditivo), após realizarem tais atividades passaram a entender a dimensão social do problema e a importância da sua própria participação na prevenção do mesmo.

Parece, portanto, que ações educativas em saúde podem de fato contribuir para a prevenção de problemas tradicionalmente concebidos e enfrentados por meio de atitudes prescritivas, pouco educativas, para o (re) conhecimento da influência dos processos subjacentes à ‘doença’ (epistemológicos, axiológicos): os modos de ver e de conceber os problemas de saúde.

## 2. Objetivos da pesquisa

Neste estudo o nosso objetivo foi: a) identificar concepções e atitudes em torno do tema ‘gagueira’ de uma amostra de sujeitos previamente diagnosticados como sendo gagos; b) refletir em que medida concepções alternativas a respeito do problema afetam a sua configuração e prevenção; c) inferir sobre a importância de uma nova filosofia de ciência, mais voltada para a questão da dimensão humana dos problemas em saúde, nortear a pesquisa e o ensino das ciências da saúde.

### 3. Justificativa

Dentre os pressupostos teóricos e metodológicos que nortearam este estudo destacamos os seguintes: a) A eficiência da prática social da ciência no campo da saúde, entendida como uma decorrência da própria influência negativa da vertente epistemológica positivista no desenvolvimento de competências profissionais abre espaço para investigações numa vertente de investigação mais externalista, sociológica; b) estudos recentes nesta nova vertente mostram realidades humanas tal como a gagueira, complexa, fenomenológica, biopsicossocial, sob influência da comunicação, da aprendizagem e da integração social do sujeito que gagueja; c) a educação científica numa vertente mais humanista, a partir da valorização do próprio processo de construção de conhecimentos científicos nesta mesma vertente (Hodson, 1988) poderá contribuir para mudar a visão tradicional de ciência e a vertente de formação profissional dos profissionais da saúde, médicos, fonoaudiólogos etc e contribuir para a promoção da saúde da comunidade ao melhor capacitá-los para enfrentar os problemas de saúde.

### 4. Metodologia

Através de informações junto a Unidades Básicas de Saúde (UBS) e Clínicas Fonoaudiológicas das cidades de Adamantina, Marília, Piracicaba, Rio das Pedras e Tupã (cidades situadas no estado de São Paulo), entramos em contato com sujeitos gogos com idades acima de 12 (doze). A seguir, selecionamos uma amostra de 31 deles, com nível sócio-econômico e de escolaridade médios e aplicamos um questionário semi-estruturado já validado em dois estudos anteriores e analisamos as respostas dos sujeitos ao questionário. Analisamos as respostas dos sujeitos com base em referenciais teóricos específicos da Fonoaudiologia (etiologia, sintomatologia e tratamento da gagueira) e da Educação (de ensino e aprendizagem das ciências biológicas), buscando compreender os significados e os sentidos das suas vivências as quais qualificam o processo educativo (aprendizagem, construção da linguagem e desenvolvimento de atitudes e de valores), as suas relações inter-pessoais e que envolvem professores, mães, profissionais fonoaudiólogos e a comunidade em geral.

### 5. Resultados

A respostas dos sujeitos mostraram-se inadequadas, alternativas, uma vez que a maioria deles concebeu o problema da gagueira como sendo uma disfunção na fala de natureza biológica, que causa constrangimento (41%), ou uma disfunção psicológica ou emocional (55%), relacionada com uma fase do desenvolvimento. Os sujeitos que mostraram não acreditar nesta hipótese, relacionaram a gagueira com questões hereditárias, sem entretanto justificar suas afirmações. Algumas das suas respostas foram: ([a gagueira não está relacionada com uma das fases do desenvolvimento] 'porque pelo meu conhecimento a maioria das crianças nunca teve gagueira'; 'quando a criança é gaga mesmo, não existe fase nenhuma').

Ao serem perguntados sobre atitudes que minimizam o problema, todos eles valorizaram atitudes de sujeição e/ou prescritivas: 12,5% afirmaram que ignorariam o problema; 17,3% iriam à benzedeira ou fariam simpatias, dariam tapas, praticariam natação, ioga, leriam em voz alta ou dariam um susto no sujeito gago; 21,4% corrigiriam a criança gaga após o término da fala e 35,7% pediriam para a criança gaga respirar, pensar e/ou falar devagar.

Esse modo dos sujeitos gogos entenderem a gagueira, como sendo um problema de natureza biológica, ou psicológica, e de enfrentá-la com atitudes pouco educativas, denota uma visão fragmentária de realidade humana, e contraria pressupostos cognitivistas e sócio-construtivistas de aprendizagem, de integração social. Não difere do modo dos professores entenderem o problema, conforme mostraram Villani et al (2000). Pode ser decorrente da educação científica assentada em currículos fragmentários, disciplinares, ausentes de saberes mais humanísticos, *transdisciplinares*, e ainda, explicar porque os sujeitos acreditam mais na cura do problema do que na sua prevenção (61,2% dos sujeitos mostraram acreditar na cura da gagueira; 39% na prevenção), valorizar atitudes prescritivas, de correção, mais do que atitudes educativas, voltadas para a compreensão e prevenção do problema.

Estes resultados corroboram com o que afirmam as estudiosas Afonso e Neves (1998) e Câmara e Morais (1998) sobre a influência do contexto/ambiente educativo na configuração de realidades humanas complexas tal como a aprendizagem sobre problemas vivenciados pelos próprios cidadãos (54,8% dos sujeitos gogos nada fariam para evitar a gagueira); mostram que as crenças e atitudes alternativas, pouco pedagógicas, sobre a gagueira ajudam a manter o problema e a ampliá-lo, na medida em que dificultam a comunicação, a aprendizagem e a inserção social, e em que levam o sujeito gago a acreditar que a solução o problema vivenciado por ele não depende dele e se sujeição a atitudes de pessoas que não vivenciam o problema, conforme mostram os resultados deste estudo. Abrem caminhos para o desenvolvimento de uma nova perspectiva de investigação e de intervenção educativa, mais voltadas para a promoção da saúde através do ensino da Fonoaudiologia e não para a 'cura' dos problemas fonoaudiológicos. Nos remetem a uma reflexão sobre currículos e programas de ensino das ciências da saúde a partir de princípios sócio-pedagógicos, além de biológicos e psicológicos os quais poderão contribuir para a superação de preconceitos e atitudes de isolamento, favorecendo assim a democratização do conhecimento científico necessário ao melhor enfrentamento dos problemas de saúde e a melhor qualidade de vida da comunidade em geral.

### Referências Bibliográficas

1. AFONSO, M. & NEVES, I. P. Socialização primária e concepções das crianças em ciências. *Revista de Educação*. Departamento de Educação da F.C da Universidade de Lisboa.v. VII. n. 1, p 107-119, 1998.
4. ASHA. Special Interest Division 4: Fluency and Fluency Disorders. Terminology pertaining to fluency and fluency disorders: Guidelines. *Asha*, (suppl. 19), p.29-36, 1999.
5. BARBOSA, L. M. G. & CHIARI, B. M. *Gagueira: etiologia, prevenção e tratamento*. Carapicuíba: Profono Departamento Editorial, SP, 1998.
7. BOODSTEIN, O. A handbook on stuttering. 3.ed.Chicago, National Easter Seal Society, 1981.
6. CÂMARA, M. J. & MORAIS, A, M. O desenvolvimento científico no jardim de infância: influência das práticas pedagógicas. *Revista de Educação*. Departamento de Educação da F.C da Universidade de Lisboa. V. VII. n. 2, p 179-199, 1998.
7. CHIQUETTO, M. M. *Reflexões sobre a gagueira; concepções e atitudes dos professores*. Florianópolis,.Mestrado em Fonoaudiologia. Universidade Federal de Santa Catarina, SC.1992.
8. DINVILLE, C. *A gagueira: sintomatologia e tratamento*. Rio de Janeiro: Enelivros, RJ, 1993.

9. GUITAR, B. *Stuttering: an integrated approach to its nature and treatment*. Maryland: Willians and Wilkins, USA: 1998.
10. HODSON, D. Filosofia da Ciencia y educación científica. IN: R. PORLÁN, J. GARCIA y CANAÁL (Org.) *Constructivismo y Enseñanza de las Ciencias*,. Sevilla: Diada Editoras, Espanha, p 5-21, 1988.
11. MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
12. SEBASTIÃO, L. T. Educação Infantil e Fonoaudiologia: ouvindo e falando sobre a audição. *Tese de doutorado em Educação*. Faculdade de Filosofia e Ciências. Unesp, Câmpus de Marília, 2001.
13. SCHIEFER, A. M; CHIARI, B. M; BARBOSA, L.M.G.- Orientação aos pais; uma proposta de atuação preventiva na fala de crianças disfluentes. *Pró-Fono R. Atual. Ci,4 (1):3-6,1992*.
14. VILLANI, V.G.; CURRIEL, D.T.; OLIVEIRA, C.M.C. O que pensam os professores em formação inicial sobre a 'gagueira'. *Nuances: revista do curso de Pedagogia*. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia, v. VII, p-53-61, 2001.